Ronaldo Zacharias
Rosana Manzini
(Orgs.)

A DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA E O CUIDADO COM OS MAIS FRÁGEIS

Paulinas

1

Urgências eclesiais segundo o coração de Francisco

*Dom Gustavo Rodríguez Vega**

Introdução

Sem qualquer dúvida, o pontificado do Papa Francisco está trazendo ares de renovação à nossa Igreja. Com sua palavra e seus gestos proféticos está convocando-nos a "recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual".[1]

Rompendo esquemas e paradigmas sobre a Igreja e sua missão, o Santo Padre afirma:

> prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. […] Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá

* Dom Gustavo Rodriguez Vega, arcebispo de Yucatán (México), é mestre em Ética e Doutrina Social da Igreja (Pontifícia Universidade Gregoriana – Roma) e presidente do Departamento de Justiça e Solidariedade do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM).

1 PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013, n. 11. Daqui em diante = EG.

> fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: "Dai-lhes vós mesmos de comer" (Mc 6,37).[2]

O papa está nos convocando para ser uma Igreja em saída, que vai ao encontro de quem precisa, que chega até as periferias e as fronteiras humanas e existenciais.

Estas premissas são o antídoto contra o que Francisco chama de mundanismo espiritual. Para ele, "o mundanismo espiritual, que se esconde por detrás de aparências de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja, é buscar, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal".[3]

1. Misericordiosos como o Pai

No ano em que a Igreja universal está vivendo com muita intensidade o Jubileu Extraordinário da Misericórdia, vale a pena perguntar-nos: Onde a Igreja deve colocar a ênfase de sua ação pastoral?

Como resposta, o papa recorda-nos que há uma "hierarquia das verdades da doutrina católica".[4] Em vista da necessidade de estabelecer prioridades, Francisco apresenta alguns critérios de julgamento:

> É evidente que, quando os autores do Novo Testamento querem reduzir a mensagem moral cristã a uma última síntese, ao mais essencial, apresentam-nos a exigência irrenunciável do amor ao próximo: "Quem ama o próximo cumpre plenamente a lei. […] É no amor que está o pleno cumprimento da lei" (Rm 13,8.10).[5]

O bispo de Roma não se cansa de nos recordar que a chave essencial da vida cristã e, portanto, de todas as nossas opções pastorais deve ser o Amor: "as obras de amor ao próximo são a manifestação externa mais perfeita da graça interior do Espírito".[6] Para Francisco, é no amor ao

---

[2] EG 49.

[3] EG 93.

[4] EG 36.

[5] EG 161.

[6] EG 37.

próximo e especialmente no amor aos mais pobres joga-se a fidelidade da Igreja ao projeto de Cristo e, inclusive, a nossa própria salvação.

2. Centralidade da dignidade humana

O princípio fundamental da Doutrina Social da Igreja é a dignidade inviolável de todos os seres humanos, porque imagem e semelhança de Deus: "a Igreja vê no homem, em cada homem, a imagem viva do próprio Deus".[7]

Neste sentido, o Papa Francisco, citando João Paulo II, alerta que:

> por si só a razão é suficiente para se reconhecer o valor inviolável de qualquer vida humana, mas, se a olharmos também a partir da fé, "toda a violação da dignidade pessoal do ser humano clama por vingança junto de Deus e torna-se ofensa ao Criador do homem".[8]

Para Francisco, "a dignidade da pessoa humana e o bem comum estão por cima da tranquilidade de alguns que não querem renunciar aos seus privilégios".[9]

No Diretório para a Pastoral Social no México, assinala-se que a dignidade humana não depende da cor da pele, do sexo, da religião ou da posição econômica. Somos todos iguais em dignidade e direitos.[10] É nos pobres e excluídos que a dignidade é mais maltratada; daí a inadiável tarefa de contribuir para a promoção e defesa dos direitos humanos e a construção de uma sociedade em que todos, e não uma minoria privilegiada, possam ter "vida em abundância" (Jo 10,10).

Seguindo a metodologia da Doutrina Social da Igreja – ver, julgar e agir –, abordarei algumas urgências pastorais que estão no coração do Papa Francisco e que desafiam as nossas opções pastorais.

---

[7] PONTIFÍCIO CONSELHO "JUSTIÇA E PAZ". *Compêndio da Doutrina Social da Igreja.* 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2011, n. 105. Daqui em diante = CDSI.

[8] EG 213.

[9] EG 218.

[10] CONFERENCIA DEL EPISCOPADO MEXICANO. COMISIÓN EPISCOPAL PARA LA PASTORAL SOCIAL. *Directorio para la Pastoral Social en México.* México: Centro de Estudios y Promoción Social, 2008, n. 243-249.

3. Um olhar sobre a realidade

O Papa Francisco convida-nos constantemente a olhar para a realidade a partir da vida; a abrir os olhos para os diferentes acontecimentos que se dão no coração da história atual, com os seus consequentes desafios. Pois bem, o olhar do papa não é neutro; é um olhar a partir da fé em Jesus Cristo; um olhar crente, que, por trás de cada acontecimento, busca os vestígios da graça ou do pecado. O Papa Francisco diz "não" a uma série de situações que representam a negação do projeto do Deus da Vida e da libertação para a humanidade.

3.1 Não à economia da exclusão

Segundo o princípio da Doutrina Social da Igreja sobre o destino universal dos bens, "Deus destinou a terra, com tudo que ela contém, para o uso de todos os homens e de todos os povos, de tal modo que os bens criados devem bastar a todos, com equidade, segundo a regra da justiça, inseparável da caridade".[11] Os bens da terra foram criados por Deus para serem desfrutados por TODOS os seus filhos e filhas. O senso comum indica-nos que se Deus é Pai, todos nós devemos viver como irmãos e irmãs na JUSTIÇA e IGUALDADE, não numa relação fratricida como a existente entre *Caim e Abel* (Gn 4,16), ou na escandalosa diferença social entre o pobre Lázaro e o homem rico (Lc 16,19-31).

Sem medo, o Papa Francisco censura o modelo econômico atual que exclui as grandes maiorias, impossibilitando o seu acesso a uma vida digna.

> Hoje devemos dizer "não a uma economia da exclusão e da desigualdade social". Essa economia mata. […] Hoje, tudo entra no jogo da competitividade e da lei do mais forte, em que o poderoso engole o mais fraco. Em consequência dessa situação, grandes massas da população veem-se excluídas e marginalizadas: sem trabalho, sem perspectivas, num beco sem saída.[12]

Francisco, voz de Deus e voz do povo empobrecido, denuncia:

[11] CDSI 171.

[12] EG 53.

> Quantas palavras se tornaram molestas para este sistema! Molesta que se fale de ética, molesta que se fale de solidariedade mundial, molesta que se fale de distribuição dos bens, molesta que se fale de defender os postos de trabalho, molesta que se fale da dignidade dos fracos, molesta que se fale de um Deus que exige um compromisso em prol da justiça.[13]

Para o papa,

> o crescimento equitativo exige algo mais do que o crescimento econômico, embora o pressuponha; requer decisões, programas, mecanismos e processos especificamente orientados para uma melhor distribuição das entradas, para a criação de oportunidades de trabalho, para uma promoção integral dos pobres que supere o mero assistencialismo.[14]

O papa argentino revela situações escandalosas que se dão no mundo:

> Não é possível que a morte por enregelamento de um idoso sem abrigo não seja notícia, enquanto o é a descida de dois pontos na Bolsa. Isto é exclusão. Não se pode tolerar mais o fato de se lançar comida no lixo, quando há pessoas que passam fome. Isto é desigualdade social.[15]

Em defesa dos que vivem à margem do progresso e do bem-estar, Francisco aponta dolorosamente:

> O ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e depois lançar fora. Assim teve início a cultura do "descartável" […] já não se trata simplesmente do fenômeno de exploração e opressão, mas de uma realidade nova: com a exclusão, fere-se, na própria raiz, a pertença à sociedade onde se vive, pois quem vive nas favelas, na periferia ou sem poder já não está nela, mas fora. Os excluídos não são "explorados", mas resíduos, "sobras".[16]

[13] EG 203.

[14] EG 204.

[15] EG 53.

[16] EG 53.

O bispo de Roma denuncia o conceito do "*spillover*", que supõe que todo crescimento econômico, favorecido pela liberdade de mercado, consegue provocar por si mesmo maior equidade e inclusão social no mundo. Isso jamais foi confirmado pelos fatos, porque expressa uma confiança torpe e ingênua na bondade dos que detêm o poder econômico e nos mecanismos sacralizados do sistema econômico imperante.[17]

Francisco rebate a postura dos que pregam que o Estado não deve intervir nos assuntos econômicos, deixando os mais frágeis à mercê das forças do mercado:

> Esse desequilíbrio [Francisco refere-se ao abissal distanciamento entre o bem-estar de uma minoria e as necessidades de uma maioria] provém de ideologias que defendem a autonomia absoluta dos mercados e a especulação financeira. Por isso, negam o direito de controle dos Estados, encarregados de velar pela tutela do bem comum.[18]

Para ele é claro que "não podemos mais confiar nas forças cegas e na mão invisível do mercado".[19]

O papa esclarece:

> Longe de mim propor um populismo irresponsável, mas a economia não pode mais recorrer a remédios que são um novo veneno, como quando se pretende aumentar a rentabilidade reduzindo o mercado de trabalho e criando assim novos excluídos.[20]

3.2 Não à nova idolatria do dinheiro

O Papa Francisco delata a terrível iniquidade que significa o alongamento da divisão entre ricos e pobres: "Enquanto os lucros de poucos crescem exponencialmente, os da maioria situam-se cada vez mais longe do bem-estar daquela minoria feliz".[21] "A adoração do antigo bezerro

[17] EG 54.

[18] EG 56.

[19] EG 204.

[20] EG 204.

[21] EG 56.

de ouro (cf. Ex 32,1-35) encontrou uma nova e cruel versão no fetichismo do dinheiro e na ditadura duma economia sem rosto e sem um objetivo verdadeiramente humano."[22]

Para o papa, "a crise financeira que atravessamos faz-nos esquecer que, na sua origem, há uma crise antropológica profunda: a negação da primazia do ser humano".[23] Francisco adverte que esse sistema consumista e explorador é contrário ao equilíbrio ecológico e, por conseguinte, ao desenvolvimento sustentável.[24]

Francisco continua com o seu olhar sobre a realidade atual destacando a importância da ÉTICA no exercício da economia e da política porque, "em última instância, a ética leva a Deus que espera uma resposta comprometida que está fora das categorias do mercado".[25] Com suma contundência, afirma que "o dinheiro deve servir, e não governar!"[26] e faz suas as palavras de São João Crisóstomo: "Não fazer os pobres participar dos seus próprios bens é roubá-los e tirar-lhes a vida. Não são nossos, mas deles, os bens que aferrolhamos".[27]

Em continuidade com o tesouro da Doutrina Social da Igreja, o Papa Francisco reconhece

> a função social da propriedade e o destino universal dos bens como realidades anteriores à propriedade privada. A posse privada dos bens justifica-se para cuidar deles e aumentá-los de modo que sirvam melhor o bem comum, pelo que a solidariedade deve ser vivida como a decisão de devolver ao pobre o que lhe corresponde.[28]

3.3 Não à iniquidade que gera violência

Na *Evangelii Gaudium*, Francisco deixa bem clara a relação existente entre exclusão e violência:

[22] EG 55.
[23] EG 55.
[24] EG 57.
[25] EG 57.
[26] EG 58.
[27] EG 58.
[28] EG 189.

> Hoje, em muitas partes, reclama-se maior segurança. Mas, enquanto não se eliminarem a exclusão e a desigualdade dentro da sociedade e entre os vários povos, será impossível desarreigar a violência. […] Isto não acontece apenas porque a desigualdade social provoca a reação violenta de quantos são excluídos do sistema, mas porque o sistema social e econômico é injusto na sua raiz.[29]

Aos que consideram que a paz e a segurança são possíveis com a repressão e as armas, o papa afirma: "as armas e a repressão violenta, mais do que dar solução, criam novos e piores conflitos".[30]

Ele também censura que, para silenciar os pobres, se pretenda oferecer-lhes "uma 'educação' que os tranquilize e transforme em seres domesticados e inofensivos".[31]

3.4 Não a um modelo que deteriora a casa de todos

Em sua Encíclica *Laudato Si'*, o Papa Francisco recorda-nos que não existem atualmente duas crises separadas, uma dos pobres e outra do meio ambiente, mas uma única crise integral que atenta contra a vida e a criação e que, por isso, "as diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza".[32]

Ao indicar as causas dessa crise socioambiental, o Santo Padre denuncia:

> O ritmo de consumo, desperdício e alteração do meio ambiente superou de tal maneira as possibilidades do planeta, que o estilo de vida atual – por ser insustentável – só pode desembocar em catástrofes, como, aliás, já está acontecendo periodicamente em várias regiões.[33]

[29] EG 59.

[30] EG 60.

[31] EG 60.

[32] PAPA FRANCISCO. Carta Encíclica *Laudato Si'*, sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus/Loyola, 2015, n. 139. Daqui em diante = LS.

[33] LS 161.

3.5 Rostos sofredores no coração de Francisco

Tal como fizeram os documentos do episcopado latino-americano, que nos convidaram a reconhecer Cristo nos rostos sofredores dos irmãos que padecem miséria e exclusão, Francisco faz suas as palavras dos bispos do Brasil:

> Desejamos assumir, a cada dia, as alegrias e esperanças, as angústias e tristezas do povo brasileiro, especialmente das populações das periferias urbanas e das zonas rurais – sem terra, sem teto, sem pão, sem saúde – lesadas em seus direitos. Vendo a sua miséria, ouvindo os seus clamores e conhecendo o seu sofrimento, escandaliza-nos o fato de saber que existe alimento suficiente para todos e que a fome se deve à má repartição dos bens e da renda. O problema se agrava com a prática generalizada do desperdício.[34]

Olhando a realidade, Francisco chama a nossa atenção: "Não podemos ignorar que, nas cidades, facilmente se desenvolve o tráfico de drogas e de pessoas, o abuso e a exploração de menores, o abandono de idosos e doentes, várias formas de corrupção e crime".[35] Para ele, há questões que precisam ser respondidas: "Onde está o teu irmão escravo? Onde está o irmão que estás matando cada dia na pequena fábrica clandestina, na rede da prostituição, nas crianças usadas para a mendicidade, naquele que tem de trabalhar às escondidas porque não foi regularizado?".[36] E apela a contemplarmos Jesus crucificado nos dependentes de drogas, nos refugiados, nos povos indígenas, nos idosos sempre mais sozinhos e abandonados.[37]

3.6 Cultura da morte

O tema da *cultura antivida* não poderia ficar fora do olhar para a realidade:

[34] EG 191.

[35] EG 75.

[36] EG 211.

[37] EG 210.

> Entre estes seres frágeis, de que a Igreja quer cuidar com predileção, estão também os nascituros, os mais inermes e inocentes de todos, a quem hoje se quer negar a dignidade humana para poder fazer deles o que apetece, tirando-lhes a vida e promovendo legislações para que ninguém o possa impedir.[38]

Esclarece o sucessor de Pedro: "Não é opção progressista pretender resolver os problemas, eliminando uma vida humana".[39]

Pois bem, Francisco aborda este tema em chave de misericórdia:

> Mas é verdade também que temos feito pouco para acompanhar adequadamente as mulheres que estão em situações muito duras, nas quais o aborto lhes aparece como uma solução rápida para as suas profundas angústias, particularmente quando a vida que cresce nelas surgiu como resultado duma violência ou num contexto de extrema pobreza. Quem pode deixar de compreender estas situações de tamanho sofrimento?[40]

O papa repele, ainda, os atentados contra a família, fundada na união amorosa entre um homem e uma mulher, como também a pretensão que muitos países têm de aprovar o matrimônio igualitário ou a adoção de crianças por casais homossexuais. Sem deixar de defender a dignidade humana das pessoas com tendências homossexuais e de convocar a Igreja a acolhê-las e acompanhá-las pastoralmente, Francisco põe-se em defesa da família como célula fundamental da sociedade e da Igreja doméstica.

4. Iluminar a realidade

Os sinais da realidade que nos questionam devem ser iluminados à luz da Palavra de Deus, para descobrir neles qual é a vontade do Senhor e o que nós, cristãos, devemos fazer em vista da sua transformação. Nessa ordem de ideias, Francisco afirma: "O querigma possui um conteúdo inevitavelmente social: no próprio coração do Evangelho, aparece

[38] EG 213.

[39] EG 214.

[40] EG 214.

a vida comunitária e o compromisso com os outros".[41] O Compêndio da Doutrina Social da Igreja destaca que "Deus, em Cristo, redime não somente a pessoa individual, mas também as relações sociais entre os homens".[42]

Em continuidade com os seus antecessores, Francisco pontua a íntima conexão que há entre evangelização e promoção humana,[43] e faz suas as palavras de Bento XVI: "*também* o serviço da caridade é uma dimensão constitutiva da missão da Igreja e expressão irrenunciável da sua própria essência".[44] Para ele, em sintonia com o Documento de Aparecida, "nada do humano pode lhe parecer estranho".[45]

Por isso, para Francisco,

> "não se pode afirmar que a religião deve limitar-se ao âmbito privado e serve apenas para preparar as almas para o céu";[46] "ninguém pode exigir-nos que releguemos a religião para a intimidade secreta das pessoas, sem qualquer influência na vida social e nacional, sem nos preocupar com a saúde das instituições da sociedade civil, sem nos pronunciar sobre os acontecimentos que interessam aos cidadãos. […] Uma fé autêntica – que nunca é cômoda nem individualista – comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois da nossa passagem por ela".[47]

4.1 Palavra e vida

Para Francisco, "basta percorrer as Escrituras, para descobrir como o Pai bom quer ouvir o clamor dos pobres" (Ex 3,7-8,10).[48] Mais ainda, se permanecermos unidos a Deus, é impossível não ouvirmos o clamor dos pobres: "ficar surdo a este clamor, quando somos os instrumentos de Deus para ouvir o pobre, coloca-nos fora da vontade do Pai e do seu

[41] EG 177.
[42] CDSI 52.
[43] EG 178.
[44] EG 179.
[45] EG 181.
[46] EG 182.
[47] EG 183.
[48] EG 187.

projeto".[49] Ser solidário ou não com o pobre tem tudo a ver com a nossa relação com Deus.

Ao percorrer o Evangelho, percebemos que "no coração de Deus, ocupam lugar preferencial os pobres, tanto que até ele mesmo 'Se fez pobre'" (2Cor 8,9).[50] O estilo de vida de Jesus, a sua pregação, as suas opções deixam claro que se torna imperativo, para quem deseja segui-lo, não apenas ouvir o clamor do pobre, mas deixar que ele se faça carne na própria vida.[51] Como Igreja, precisamos ter presente o critério-chave que nos indica se estamos correndo em vão, isto é, o não esquecimento dos pobres (Gl 2,10).[52]

5. Transformar a realidade: a opção pelos pobres

Francisco deixa claro que "a Igreja fez uma opção pelos pobres" e, por isso, ele mesmo deseja "uma Igreja pobre para os pobres".[53] Para o sucessor de Pedro, na Igreja "há um sinal que nunca deve faltar: a opção pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta e lança fora".[54] "Ninguém pode sentir-se exonerado da preocupação pelos pobres e pela justiça social."[55]

O papa convoca a Igreja a seguir com radicalidade evangélica os passos de Jesus que, com sua vida e sua palavra, anunciou a Boa-Nova aos pobres, indicando que deles é o Reino de Deus (cf. Lc 4,18; Mt 5,3). Citando Bento XVI, Francisco afirma que "não devem subsistir dúvidas nem explicações que debilitem esta mensagem claríssima. Hoje e sempre, os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho".[56]

---

[49] EG 187.

[50] EG 197.

[51] EG 193.

[52] EG 195. Vale a pena considerar a belíssima reflexão proposta por Francisco em EG 186-201.

[53] EG 198.

[54] EG 195.

[55] EG 201.

[56] EG 48.

Na esteira da Instrução *Libertatis Nuntius,* Francisco assume que "o zelo pela justiça e pela paz, o sentido evangélico dos pobres e da pobreza são exigidos a todos" e, por isso, afirma que "ninguém deveria dizer que se mantém longe dos pobres, porque as suas opções de vida implicam prestar mais atenção a outras incumbências".[57] Se ficamos escandalizados com o fato de que numa paróquia ou comunidade cristã não se celebre a Eucaristia, também nos deveríamos escandalizar com o fato de que nessa paróquia não se trabalhe a serviço dos pobres.

> Qualquer comunidade da Igreja, na medida em que pretender subsistir tranquila, sem se ocupar criativamente nem cooperar de forma eficaz para que os pobres vivam com dignidade e haja a inclusão de todos, correrá também o risco da sua dissolução, mesmo que fale de temas sociais ou critique os governos. Facilmente acabará submersa pelo mundanismo espiritual, dissimulado em práticas religiosas, reuniões infecundas ou discursos vazios.[58]

Neste sentido, Francisco resume: "Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica".[59] E, em continuidade com Bento XVI, afirma que a opção pelos pobres "está implícita na fé cristológica",[60] ou seja, não é um anexo ou um conjunto de atividades filantrópicas. A opção pelos pobres é parte essencial do compromisso cristão. Sem ela a essência genuína do Evangelho fica atraiçoada, a ponto de podermos afirmar que "todo o caminho da nossa redenção está assinalado pelos pobres".[61]

5.1 Em tudo, amar e servir

Tendo presente todos esses elementos, como concretizar a opção pelos pobres?

Segundo a *Evangelii Gaudium*, a opção pelos pobres deve ser feita em vários níveis.

[57] EG 201.

[58] EG 207.

[59] EG 198.

[60] EG 198.

[61] EG 197.

O primeiro deles é o que chamamos assistencial: "gestos mais simples e diários de solidariedade para com as misérias muito concretas que encontramos".[62] A Igreja, de fato, deve fazer-se presente e acompanhar os que sofrem, choram, nada têm, os últimos, rechaçados e esquecidos. Algumas dessas situações dramáticas exigem respostas assistenciais, imediatas, que não podem esperar: dar de comer, vestir, consolar, acompanhar para uma boa morte, hospedar, refugiar, atender vitimados, reconstruir casas, escolas, hospitais etc.

Entretanto, o Papa Francisco convida-nos a caminhar para "uma promoção integral dos pobres que supere o mero assistencialismo",[63] pontuando que "os planos de assistência, que acorrem a determinadas emergências, deveriam considerar-se apenas como respostas provisórias".[64] E alerta:

> nossa resposta de amor também não deveria ser entendida como uma mera soma de pequenos gestos pessoais a favor de alguns indivíduos necessitados, o que poderia constituir uma "caridade por receita", uma série de ações destinadas apenas a tranquilizar a própria consciência.[65]

O segundo nível envolve, então, "promover o desenvolvimento integral dos pobres".[66] Este é o nível das obras educativas, do estímulo à economia solidária e ao cooperativismo, às organizações comunitárias, nas quais o pobre não é sujeito passivo, receptor de dádivas, mas é o sujeito protagonista na luta para conquistar o seu desenvolvimento humano, integral e solidário.

Em relação ao compromisso de promover a dignidade e o desenvolvimento humano, Francisco afirma que "cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus a serviço da libertação e promoção dos pobres".[67] A nossa opção pelos pobres, portanto, também

---

[62] EG 188.

[63] EG 204.

[64] EG 202.

[65] EG 180.

[66] EG 188.

[67] EG 187.

exige a "Cooperação para resolver as causas estruturais da pobreza".[68] Eis aqui o terceiro nível, também chamado de libertação. Com o olhar mais aguçado sobre as causas que empobrecem as maiorias, diz o papa:

> A necessidade de resolver as causas estruturais da pobreza não pode esperar. […] Enquanto não forem radicalmente solucionados os problemas dos pobres, renunciando à autonomia absoluta dos mercados e da especulação financeira e atacando as causas estruturais da desigualdade social, não se resolverão os problemas do mundo e, em definitivo, problema algum. A desigualdade é a raiz dos males sociais.[69]

Trata-se de uma opção política, pelo bem comum, pelo ser humano, na perspectiva dos direitos humanos: "Não se fala apenas de garantir a comida ou um decoroso 'sustento' para todos, mas 'prosperidade e civilização em seus múltiplos aspectos'. Isso engloba educação, acesso aos cuidados de saúde e especialmente trabalho".[70]

6. Alguns temas-chave para o coração de Francisco

Em sua viagem apostólica ao México, em 17 de fevereiro de 2016, o papa visitou a Área da Feira de Ciudad Juárez, justamente na fronteira com os Estados Unidos, por El Paso, Texas. Sua presença nesse lugar foi em si mesma uma grande mensagem às Igrejas e aos Estados dos dois lados da fronteira. O Santo Padre fez uma oração por aqueles que perderam a vida na tentativa de chegar a um lugar que lhes promete melhor qualidade de vida. E, durante a celebração da missa, em sua homilia, disse:

> Não podemos negar a crise humanitária que, nos últimos anos, levou à migração de milhares de pessoas, quer por via ferroviária ou rodoviária, quer mesmo a pé atravessando centenas de quilômetros de montanhas, desertos, caminhos inóspitos. Hoje, esta tragédia humana que é a migração forçada, tornou-se um fenômeno global. Esta crise que se

[68] EG 188.

[69] EG 202.

[70] EG 192.

> pode medir em números, queremos medi-la por nomes, por histórias, por famílias. São irmãos e irmãs que partem, forçados pela pobreza e a violência, pelo narcotráfico e o crime organizado. No meio de tantas lacunas legais, estende-se uma rede que apanha e destrói sempre os mais pobres. À pobreza que já sofrem, vem juntar-se o sofrimento de todas estas formas de violência. Uma injustiça que se radicaliza ainda mais contra os jovens: como "carne de canhão", eles veem-se perseguidos e ameaçados quando tentam sair da espiral de violência e do inferno das drogas. E que dizer de tantas mulheres a quem arrebataram injustamente a vida?[71]

Os migrantes, em sua imensa maioria, não saem do seu país simplesmente porque querem, mas o fazem em geral com a tristeza de se verem obrigados a abandonar suas famílias, procurando fugir da miséria e da falta de oportunidades.

Nos vários países latino-americanos, degenerou-se uma espécie de febre de corrupção da classe governante, que vai submergindo os povos numa pobreza que cresce a passos gigantes. Muitos governos chegam ao poder graças ao apoio econômico do crime organizado, e depois, ao chegar ao poder, ficam comprometidos a deixar atuar impunemente os criminosos.

E eis novamente a palavra profética do Papa Francisco por ocasião do Dia Mundial do Migrantes e do Refugiado, em 2016:

> Neste nosso tempo, os fluxos migratórios aparecem em contínuo aumento por toda a extensão do planeta: prófugos e pessoas em fuga da sua pátria interpelam os indivíduos e as coletividades, desafiando o modo tradicional de viver e, por vezes, transtornando o horizonte cultural e social com o qual se confrontam. Com frequência sempre maior, as vítimas da violência e da pobreza, abandonando as suas terras de origem, sofrem o ultraje dos traficantes de pessoas humanas na viagem rumo ao sonho dum futuro melhor. Se, entretanto, sobrevivem

[71] PAPA FRANCISCO. Homilia pronunciada durante a missa celebrada em Área da Feira de Ciudad Juárez, em 17 de fevereiro de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2016/documents/papa-francesco_20160217_omelia-messico-ciudad-jaurez.html>. Acesso em: 20/05/2016.

aos abusos e às adversidades, devem enfrentar realidades onde se aninham suspeitas e medos.[72]

Diante dessa urgência, recentemente, na cidade de Tegucigalpa, Honduras, convocados pelo Departamento de Justiça e Solidariedade do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), bispos, padres, religiosos, religiosas e leigos que trabalham no campo da Pastoral da Mobilidade Humana de diversos países do continente, concordamos em criar o Comitê Latino-Americano de Mobilidade Humana e Refúgio – CLAMOR. Tal comitê permitirá articular os esforços das diversas realidades eclesiais que trabalham na atenção pastoral aos migrantes, refugiados e vítimas do tráfico de pessoas. O CLAMOR deseja ser uma experiência de comunhão eclesial a serviço dos irmãos e irmãs que dia a dia arriscam suas vidas tentando chegar à terra prometida, com melhores condições de vida para suas famílias.

Outro tema de interesse especial no coração de Francisco está relacionado com a ecologia integral. A sua Carta Encíclica *Laudato Si'* é um hino à vida e à criação e foi muito bem acolhida não apenas no interior da Igreja Católica, como também pelas diversas religiões e pela sociedade civil. O que preocupa Francisco é a violenta e progressiva deterioração da nossa Casa comum, como consequência de um modelo socioeconômico depredador e excludente e, especialmente, da ação das empresas mineradoras e extrativas.

O papa solicita de nós um interesse especial pela defesa dos povos e das culturas indígenas, que vivem em total harmonia com a terra e a natureza; que defendamos as suas vidas, os seus direitos e o seu território; que os ajudemos a descobrir Deus presente na Criação desde as suas cosmovisões. Destaco, nessa área, o trabalho realizado pela Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM) e pela Rede Igreja e Mineração, experiências no seio da Igreja latino-americana que estão respondendo à inadiável tarefa de defender a vida e a Criação, na chave da *Laudato Si'*.

[72] Id. Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado (17 de janeiro de 2016). Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20150912_world-migrants-day-2016.html>. Acesso em: 20/05/2016.

Conclusão

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* pede-nos que nos conectemos com o futuro com esperança. "Onde parecia que tudo morreu, voltam a aparecer, por todos os lados, os rebentos da ressurreição."[73]

Francisco apresenta-nos Maria como modelo de evangelizadora, como mulher comprometida com o seu povo, que soube encarnar o Verbo de Deus em seu ventre e em sua vida. E com estas palavras cheias de ternura e amor pela Mãe, exclama: "Como Mãe de todos, é sinal de esperança para os povos que sofrem as dores do parto até que germine a justiça".[74]

> Fixando-a, descobrimos que aquela que louvava a Deus porque "derrubou os poderosos de seus tronos" e "aos ricos despediu de mãos vazias" (Lc 1,52.53) é a mesma que assegura o aconchego de um lar à nossa busca de justiça. […] Pedimos-lhe que nos ajude, com a sua oração materna, para que a Igreja se torne uma casa para muitos, uma mãe para todos os povos, e torne possível o nascimento dum mundo novo.[75]

Definitivamente, os POBRES NÃO PODEM ESPERAR. Longe da cômoda cumplicidade com um sistema gerador de morte; do fechamento em rituais e solenidades distantes do compromisso com os irmãos que sofrem; do luxo, do prestígio e do poder que exclui, marginaliza e distancia uns dos outros, a Alegria do Evangelho deve nascer de um caminho de conversão autêntica que nos permita reconhecer, amar e servir o Cristo presente nos crucificados do mundo, para alcançar com eles a Páscoa libertadora, que permita que todos "tenhamos vida em abundância" (Jo 10,10).

Francisco apresentou-nos o seu "programa". Oxalá estejamos dispostos a caminhar com ele pelos caminhos do amor libertador, sendo dóceis ao Espírito que sopra *desde o fim do mundo!*

[73] EG 276.

[74] EG 286.

[75] EG 288.

Referências bibliográficas

CONFERENCIA DEL EPISCOPADO MEXICANO. COMISIÓN EPISCOPAL PARA LA PASTORAL SOCIAL. *Directorio para la Pastoral Social en Mexico.* Mexico: Centro de Estudios y Promoción Social, 2008.

PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.

_____. Carta Encíclica *Laudato Si'*, sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus/Loyola, 2015.

_____. Homilia pronunciada durante a missa celebrada em Área da Feira de Ciudad Juárez, em 17 de fevereiro de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2016/documents/papa-francesco_20160217_omelia-messico-ciudad-jaurez.html>. Acesso em: 20/05/2016.

_____. Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado (17 de janeiro de 2016). Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20150912_world-migrants-day-2016.html>. Acesso em: 20/05/2016.

PONTIFÍCIO CONSELHO "JUSTIÇA E PAZ". *Compêndio da Doutrina Social da Igreja.* 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.